

398

190

4

Índio tem esperança nas urnas

Mesmo com muito a reclamar, a população indígena acredita que o novo governo resolverá velhos problemas

Antônio Menezes

Paulo Roberto Pereira

"Quando vocês chegaram eu já estava aqui, já era velho amigo da juriti. Colhia o que plantava, comia o que caçava, e renovava as forças com açaí"

Os versos do compositor Paulinho Soares, na música gravada pela cantora Beth Carvalho, mostra como a vida do índio mudou muito após a chegada do homem branco. A poesia e a tradição foram, aos poucos, substituídas por novas culturas. Muitos deles passaram por uma experiência, ontem, que sequer imaginavam: indicar líderes através de botões numerados em uma caixinha de metal. A maioria se comportou muito bem. Como Severiano Monteiro, da tribo dos Tucanos, de apenas 18 anos. Aluno da Escola Agrícola Rainha dos Apóstolos, que abriga cerca de 200 índios de várias etnias, ele indicou seu candidato com a coragem dos guerreiros.

No coração, o orgulho de estar participando do processo democrático. Na mente, a dúvida sobre a validade do gesto. "Só queria ver o meu povo um pouco mais protegido. Na minha aldeia não tem luz, nem água e muito menos escola. O índio nunca tem apoio do governo", comenta, lembrando que só para se deslocar de sua aldeia ao posto de saúde mais próximo são necessários dois dias de barco.

Ao lado dele, o ianomami Severino de Braga pensa da mesma forma, apesar de estar se preparando para justificar a ausência de voto. "Queira estar na minha terra para poder votar. Acho muito importante. Tanto que estou em Manaus para estudar, coisa que o meu povo não está muito habituado", explica. Evaristo Santos Reis, da tribo Mandurucu, também justificou a ausência. Mesmo assim, disse estar torcendo para que os governantes olhem um pouco mais para o seu povo. "Nosso maior problema é o transporte. Levamos 26 horas de barco para chegar à cidade", conta.

"Hoje vocês me vestem de calça Lee, partem e repartem a terra onde eu nasci. Já dividiram meu solo em capitanias e espalharam meu povo nas semárias. E aí..."

Retrato de um velho guerreiro, o Capitão Dico, cacique dos Saterê-Maué, acompanha o processo democrático da cama. Gravemente doente, aos 66



O cacique saterê-maué, Capitão Dico, participa das eleições, apesar de muito doente

José Saraiva

200

índios vivem e estudam na Escola Agrícola Rainha dos Apóstolos. A maioria teve que justificar o voto

anos, ele olha com tristeza o futuro dos índios. "Se depender da Casa do Índio, mantida pela Funai, nós vamos morrer de fome. Fiquei uma semana internado lá. Nem comida me deram. Vamos torcer para que os novos governantes olhem um pouco mais para a nossa gente", comenta.

Capitão Dico não está mais na Casa do Índio. Foi instalado em um casebre espremido na comunidade indígena da Hiléa, em Manaus. Para quem estava acostumado a ter o horizonte como limite, a situação atual é deprimente. "O índio perdeu seu espaço em todos os sentidos. Somos usados pelos candidatos, que prometem vantagens, e desaparecem logo após as eleições", reclama.

Capitão Dico, no entanto, tem esperança no futuro. Apesar da dificuldade para falar, garante que o índio não é facilmente vencido. "Por mais que tentem, resistiremos a tudo. Somos guerreiros e continuaremos lutando por nosso direitos", adverte o cacique, embalado com o que resta de coragem e poesia.

"Aí, pintei meus bravos para guerra e esses rios e terras eu defendi até o fim. Assim, com a força de um curimim, renascer sempre igual. Sou índio, sou imortal"



Severiano Monteiro, da aldeia Tucano, vota pela primeira vez